

UM BREVE OLHAR FUNCIONALISTA SOBRE AS ORAÇÕES CORRELATAS ADITIVAS

Raissa Gonçalves de Andrade Moreira

*Universidade Federal da Paraíba
raissamoreira28@gmail.com*

RESUMO: Este trabalho aborda o fenômeno da correlação que na gramática tradicional é considerado um simples recurso retórico que pertence tanto à coordenação quanto a subordinação. O estudo em questão está orientado na Linguística Funcional, uma vez que consideramos como fundamental a concepção reflexiva sobre o estudo gramatical. Este trabalho tem como objetivo demonstrar o comportamento das orações correlatas aditivas em situações reais de comunicação. Em termos metodológicos, apresentamos exemplos retirados do *corpus* Discurso & Gramática (D&G sede Natal) que abarca cinco diferentes tipos de textos orais transcritos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião, bem como seus correspondentes na modalidade escrita. A partir da análise realizada, como resultado parcial, confirmamos nossa hipótese de que as orações aditivas apresentam funções particulares relacionadas à sua estrutura, como também em relação aos aspectos pragmáticos (semânticos) e discursivos que a constituem como um processo de articulação de oração que pertence à correlação.

PALAVRAS-CHAVE: Correlação; Gramática; Articulação de oração; Adição.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o fenômeno da correlação que na gramática tradicional é considerado um simples recurso retórico que pertence tanto à coordenação quanto a subordinação. Diante disso, as sentenças complexas se encontram nas gramáticas na parte do período composto, e se dividem em apenas dois processos: a coordenação e a subordinação.

Para a classificação desses processos, é levado em conta o grau de dependência entre elas. Sendo as orações coordenadas “aquelas que, no período, não exercem função sintática umas em relação às outras, isto é, são orações independentes” (Cunha & Cintra, 2011, p. 391). Já as orações subordinadas são as que, “ao contrário das orações coordenadas e intercaladas, exercem alguma função sintática em relação à outra” (Cunha & Cintra, 2011, p. 392).

O estudo em questão está orientado na Linguística Funcional, uma vez que consideramos como fundamental a concepção reflexiva sobre o estudo gramatical, tendo em vista que esta teoria abrange os estudos das relações sintático-semânticas, sobretudo no que

diz respeito à combinação de cláusulas, para este trabalho, as que estão ligadas por correlação aditiva.

Para tanto, este trabalho tem como objetivo de demonstrar o comportamento das orações correlatas aditivas em situações reais de comunicação. Em termos metodológicos, o *corpus* escolhido para análise foi o Discurso & Gramática (Grupo D&G), sede Natal, o qual foi fundado em 1990, e é organizado, Furtado da Cunha. Ele é direcionado pela vertente funcionalista dos estudos linguísticos, com especial atenção para os processos de mudança linguística e gramaticalização.

O *corpus* citado abarca cinco diferentes tipos de textos orais transcritos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião, bem como seus correspondentes na modalidade escrita. Nesse sentido, para o desenvolvimento de nossa análise, realizamos um apanhado de registros do uso da correlação aditiva tanto nos dados da língua oral, quando da língua escrita.

Nesta perspectiva, dividimos o corpo textual em: fundamentos teóricos, no qual exploramos os processos sintáticos responsáveis pela articulação entre os períodos; análise e discussão dos dados, seção na qual apresentamos as ocorrências do fenômeno da correlação sobre o qual discorreremos nossas reflexões e análise. Por fim, pontuamos nossas considerações parciais, tendo em vista que este trabalho é, também, parte de pesquisa maior em andamento.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 Processos de estruturação do período composto

Na gramática tradicional as sentenças complexas se encontram na parte do período composto, e se dividem em apenas dois processos: a coordenação e a subordinação. Para a classificação desses processos, é levado em conta o grau de dependência entre elas. Luft (1983, p. 45) corrobora afirmando que “o período composto pode ser estruturado de dois modos, conforme a natureza das orações que o compõem: a) apenas com orações independentes, b) com oração principal e oração (es) subordinada(s)”.

Azeredo (2010) considera que além da coordenação e da subordinação, há um terceiro tipo de procedimento sintático: a justaposição. E explica esse terceiro constituinte de oração como:

Dois ou mais constituintes do enunciado se dizem unidos por justaposição quando não há qualquer marca formal – concordância, palavras gramaticais – dessa união. As palavras gramaticais que servem de instrumento a estes processos são os conectivos.
(p. 155)

Bechara (2009) menciona o estudo da coordenação e da subordinação e explica que os processos sintáticos são tradicionalmente chamados de coordenadas e subordinadas. Para o autor as conjunções coordenadas “reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se independentes umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados” (p.395). O que difere da conjunção subordinada que “é um transpositor de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical” (p.396).

No entanto, muitos estudos vêm revelando que essas classificações apresentadas pela nomenclatura da gramática tradicional apresentam incoerências, principalmente em relação à ideia de dependência sintática. Um dos grandes teóricos da língua que estuda o período composto é José Oiticica (1945; 1952), o qual considera a correlação um terceiro tipo de processo sintático, que se difere da tradição divisão da coordenação e da subordinação.

Oiticica embasa a sua análise em dois pontos fundamentais: o modo como às orações se interligavam – “entre elas aparecem sempre dois termos conectivos”; e a interdependência semântica entre as orações, na qual reside toda a força da correlação – “os pensamentos estão conexos, neste caso, por dois termos que, sempre, além disso, devem estar explícitos” (Oiticica, 1952, p. 17).

Assim como Oiticica (1942; 1952), Ney (1955) inclui a correlação nos tipos de estrutura do período composto. Segundo ele, “na correlação há interdependência das declarações, e sempre dois conectivos claros ou subentendidos, ou somente um claro e outro subentendido através dos quais se faz a correlação” (p. 61).

Melo (1968) também entende o processo da correlação como independente dos outros processos como podem ver na seguinte passagem:

Para nós a correlação é um processo sintático irreduzível a qualquer dos outros dois, um processo complexo, em que há, de certo modo, interdependência. Nele, dá-se a intensificação de um dos membros da frase, intensificação que pede um termo, muitas vezes ocorre como que uma retenção para um salto, a que se segue o salto. (MELO, 1968, p. 152)

Com isso, percebemos que Melo (1968) considera o processo da correlação como independente da coordenação e da subordinação, sendo um terceiro tipo de classificação, pois se trata de um processo complexo, em que há a intensificação de um dos elementos da frase.

Avançando os estudos sobre correlação, Azeredo acrescenta o componente discursivo na caracterização do processo correlativo ao afirmar que “a correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso”.

“Portanto, distinto dos processos sintáticos distintos da coordenação e da subordinação” (Azeredo, 2010, p. 351).

Entre os autores atuais que defendem a correlação como processo independente, Rodrigues (2007) considera a correlação como um processo que se distingue dos demais, uma vez que enquanto a subordinação é marcada pela dependência sintática das orações e a coordenação é marcada pela independência entre elas, a correlação é marcada pela interdependência das orações. Para tanto, leva em conta os seguintes aspectos:

- a correlação apresenta conjunções que vêm aos pares, cada elemento do par em uma oração;
- no período composto por correlação, as orações não podem ter sua ordem invertida, isto é, não apresentam a mobilidade posicional típica das subordinadas adverbiais;
- as correlatas não podem ser consideradas parte integrante de outra, como ocorre com as substantivas e as adjetivas. (p. 232-233)

Para tanto Rosário e Rodrigues (2017) definem a correlação como:

O processo de composição do período em que existe interdependência das orações. Caracteriza-se por suas orações ligarem-se por meio de dois conectivos e manifestarem intensificação, realce, ênfase. A primeira oração depende da segunda, assim como a segunda depende da primeira, motivo pelo qual não há oração principal no período composto por correlação, já que ambas as orações são correlatas. (ROSÁRIO; RODRIGUES, , 2017, p.44)

Outro estudioso desse fenômeno que assevera que as sentenças correlatas têm uma relação de interdependência é Módolo (2005), afirma que a divisão em coordenada e subordinada não é precisa e explica que isso pode ser observado quando há uma confusão entre as orações coordenadas explicativas e as subordinadas causais.

Assim sendo, ele sugere uma proposta de substituir a dicotomia coordenação e subordinação por um *continuum*. Nesse sentido, ele descreve que “a correlação é entendida como uma etapa intermediária recortando esse *continuum* e dividindo propriedades ora com as coordenadas e ora com as subordinadas” (Módulo, 2005, p. 3).

Logo, teríamos a seguinte esquematização do *continuum* proposto por Módolo (2005):



De tal modo, a correlação está no intervalo entre as orações prototípicas da coordenação e da subordinação, possuindo traços característicos tanto de uma, como da outra.

Diante desse contexto, percebemos que o período composto por correlação difere do período composto coordenação e do período composto por subordinação em relação a sua estrutura, como também em relação que se estabelece entre as orações formadoras do período.

Castilho (2010) explica que há uma precariedade na distinção entre as noções de coordenação e subordinação, uma vez que “pesquisas sobre a modalidade falada trouxeram evidências adicionais sobre a precariedade da linha que separa a coordenação e a subordinação (Castilho, 2010, p.385).” Logo, o pesquisador agrega o estatuto das correlatas como um terceiro tipo de relações intersentenciais.

O teórico explica que o processo de redobramento sintático está na base da gramaticalização das conjunções correlatas. Nesse sentido, esse processo consiste na ocorrência de um segmento X a que corresponde obrigatoriamente um segmento Y. E informa que “os efeitos de redobramento sintático estão por toda parte na gramática do português, porém nem sempre nos damos conta que estamos diante de um mesmo fenômeno (2010, p.387).”

Após essa breve apresentação sobre o fenômeno e das contribuições de alguns pesquisadores que consideram esse fenômeno como independente da coordenação e da subordinação, será dado um olhar especial à correlação aditiva.

1.2 As orações correlatas aditivas

Diante do objetivo desse tópico, com relação à noção semântica de adição, constatamos algumas definições profundamente lacônicas por parte de alguns autores, como a de Cegalla (2008, p. 580) para que as orações aditivas são aquelas que “dão ideia de adição, acrescentamento: *e, nem, mas também, mas ainda, senão também, como também, bem como.*”

Para Cunha e Cintra (2001, p.580), as aditivas “servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e, nem [= e não].*” Rocha Lima (2011, p. 235) segue a mesma linha de pensamento e afirma que as orações aditivas “relacionam pensamentos similares. São duas: *e* e *nem*. A primeira une duas afirmações; a segunda (equivalente a *e não*), duas negações.”

Analisando a definição de Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2011), verificamos que a definição é pautada nas orações coordenadas, a partir de suas conjunções, ocorrendo assim, não só laconismo como também uma circularidade na definição.

Para Bechara (2009) as conjunções aditivas apenas indicam que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Sendo assim, para ele existem dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas).

Entretanto, as típicas conjunções correlatas aditivas para o autor são vistas como expressões enfáticas da coordenação, e explica que “para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo: *não só... mas (também) não só... mas (ainda) não só... senão (também) não*, etc” (p.407).

Para tanto, a correlação aditiva possui em sua base semântica uma relação de adição entre as partes correlacionadas. Oiticica (1952) explica que “Quando inicio a primeira oração por *não somente*, (denotativo negativo de restrição), sou forçado a iniciar a segunda pela expressão *mas também (...)* denotativa de inclusão” (p. 21).

Na *gramática de usos*, Neves (2011[2000]) inicia o estudo das orações mostrando quais as conjunções coordenadas, sendo a principiante a coordenação com *E*. A conjunção *E* marca uma relação de adição entre os segmentos coordenados, porém é exposto que existe outra forma de construção das aditivas, em que a autora classifica como correlativas, do tipo de *não só..., mas também, como também*. Tomamos o seguinte exemplo:

1) Pesquisador infatigável, estudava **não só** o organismo humano, **mas também** o animal. (APA) (p. 742)

A partir desse exemplo, Neves (2011[2000]) justifica que esse tipo de construção formam as orações aditivas binárias e, em princípio, irreversíveis, pela pressuposição que se cria, sendo que essas construções ficam no meio do caminho entre:

a) as **não correlativas aditivas** com *E*, como:

2) Pesquisador infatigável, estudava o organismo humano, **e** o animal. (Aditivas enéreas) (p.742)

b) as **correlativas comparativas**, como

3) Pesquisador infatigável, estudava **tanto** o organismo humano, **quanto** o animal. (comparativas binárias) (p.742)

Outro tipo de conjunção aditiva apresentada pela autora que assume a correlação é a conjunção *NEM*. É esclarecido que “diferentemente do *E*, o *NEM* pode construir-se em correlação, e assim, ocorrer já no primeiro dos (dois ou mais) segmentos negativos postos em relação de adição” (Neves, 2011[2000], p. 752).

Rosário (2012) em sua tese de doutorado realiza uma grande contribuição em relação às aditivas, ao concluir que, do ponto de vista semântico-pragmático-enunciativo, os pares correlatos aditivos são bem menos prototípicos que a conjunção aditiva *e*, que é a conjunção que indica adição mais neutra do ponto de vista semântico.

Módulo (2008) afirma que a correlação aditiva estabelece uma relação de adição entre as partes correlacionadas. Como exemplo dessa relação, podemos verificar no seguinte cotejo:

(4) *Não só* Maria socorreu a pobre família, *mas também* adotou as duas órfãs.

O estudioso acrescenta que o par correlato *não só... mas também* é o mais prototípico, e explica que o par correlato *não só...* apresenta uma “denotativa negativa de restrição”. Assim, quando se inicia a primeira oração por *não só*, o falante é forçado a iniciar a segunda pela expressão *mas também* “denotativa de inclusão”.

De maneira semelhante, para Castilho (2010) as correlatas aditivas apresentam a soma de dois complementos, podendo ser identificadas em quatro contextos de encadeamentos sintáticos:

- i) *construída a partir de apenas uma partícula na segunda sentença* (não só... mas, não só... senão, não só... como, não só... também etc.);
- ii) *de duas partículas na segunda sentença* (não só... mas também, não só... mas ainda, não somente... mas até etc.);
- iii) *de três partículas na segunda sentença, por cruzamento sintático* (não só... senão que também, não somente... senão que também.);
- iv) *um termo intensificador interferindo no primeiro elemento* (não tão somente... mas, não tão somente... mas ainda). (p. 388)

Diante do que foi exposto, podemos afirmar que a correlação aditiva é uma construção que possui características próprias que as diferencia das coordenadas aditivas, e constituem um terceiro processo de ligação de sentenças.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Tendo como respaldo a fundamentação teórica explicitada e nas discussões realizadas sobre o fenômeno da correlação ora apresentada, daremos continuidade ao nosso trabalho, agora, à análise das orações correlatas aditivas atestadas no *corpus* pesquisado. A seguir, apresentaremos alguns exemplos do *corpus* em estudo, juntamente com a sua análise.

- (1) aí a gente não é ... num obedecia né ... ao ... ao toque de alerta pra todo mundo ir fazer suas obrigações ... aí ele colocava lá o:: som né ... um corinho ... bem acelerado que a gente num tinha condições de ficar mais deitada né ... a gente se levantava né ... cada um tinha hora também determinada pra ir ao banheiro ... né ... fazer suas necessidades ... depois ... não tomava café ... a

gente ia logo fazer o culto doméstico ... né ... de manhã ... então nesse ...
nessa consagração pela manhã ... **não só** eu senti **como** todo mundo sentiu ...
a gente tava lá ... e era um amor tão grande ... (G21F/D&G/:28 – língua oral)

No excerto (1) observamos uma construção correlata aditiva encabeçada pelo correlator *não só... como* indicando sentido de adição e apresentando interdependência típica da correlação. Ou seja, há na prótase uma anunciação do que será dito na apódose.

Nesse sentido, a expressão *não só* apresenta uma denotativa negativa de restrição, e a expressão da segunda oração *como* apresenta uma denotativa de inclusão. Podemos ilustrar esse pensamento, quando é usando a partícula *não só* na prótase dando aspecto de negação *não só eu senti* e a inclusão vindo na apódose *todo mundo sentiu ... a gente tava lá ... e era um amor tão grande*.

Outro fator de análise sobre essa construção é em relação ao seu valor semântico, uma vez que há uma proximidade entre construções comparativas e aditivas. A noção semântica que se produz na construção é a seguinte: *Tanto eu senti quanto todo mundo sentiu*.

(2) Em países desenvolvidos que têm uma justiça que realmente funciona, a pena de morte é bem aplicada **não só** para livrar a população de bandidos perigosos, **mas também** para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro. (V14M/D&G:184 – Língua escrita)

Em (2) é semelhante ao excerto (1), uma vez que se caracteriza por estabelecer uma relação negativa na prótase *não só para livrar a população de bandidos perigosos*, procedente à relação de adição a partir de da inclusão na apódose “*mas também para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro*”.

Ainda podemos analisar em relação às sentenças aditivas binárias destacadas por Neves (2011[2000]), que são irreversíveis pela pressuposição que se cria, sendo que essas construções ficam no meio do caminho entre:

a) as **não correlativas aditivas** com *E*, como:

(2') [...] a pena de morte é bem aplicada para livrar a população de bandidos perigosos, **e** para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro.

b) as **correlativas comparativas**, como

(2'') a pena de morte é bem aplicada **tanto** para livrar a população de bandidos perigosos, **quanto** para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro.

Nesse contexto, as correlatas do tipo aditivo mantêm as características de interdependência, próprias à correlação, particularmente o binarismo.

(3) ela é uma secretária comum ... e tem o seu patrão ... é empresário que tem um plano de ... construir a ... usina nuclear ... **não** para gerar energia ... e **sim** sugar da cidade ... ela ... esquece alguns papéis no escritório e volta ... (E15M/ D&G: 143 – Língua oral)

Em (3) observamos a correlação aditiva sendo estabelecida pelo correlator *não... e sim*. O par correlato *não Ø... e sim* nesse excerto une dois seguimentos: na prótase *para gerar energia*, e na apódose *sugar a cidade*. É interessante atentar que a construção *não Ø* está indicando a ausência do *só*.

Nesse contexto, esse par correlato produz no discurso não apenas a noção de adição, mas uma ideia de negação. Logo, evidenciamos que essa construção veio acompanhada de um adverbio afirmativo *sim* na apódose, o que dar equilíbrio entre a partícula negativa *não*, presente na prótase. E também, destacamos que esse adverbio está junto da prototípica conjunção coordenativa aditiva *e*, o que nos permite afirmar que o par correlativo reforça ainda mais a noção de adição.

Para tanto, *não... e sim* não é um correlator não protípico, para isso Rosário (2012) chama atenção para os processos de subjetivização e intersubjetivização que explicariam o surgimento desse tipo de construção, o qual estão a serviço de uma maior expressividade para o discurso.

(4) A trama conseguia envolver o telespectador **não somente** pelo seu caráter intimista, **como também** os recursos geográficos colocavam, a "deixa" no ar para uma outra linguagem; esta agora muito mais plástica porque a natureza como que adentrava, através do enredo, pelo nosso vídeo e se nos apresentava como um personagem vigoroso na sua maior forma. (I30M/D&G: 78 – Língua escrita)

(5) As autoridades locais bem como a população em geral muito falam da preservação deste verdadeiro pulmão verde praticamente dentro da cidade. Eu não diria somente pulmão, mas sim o coração. Temos ali, bem no meio daquelas dunas, **não somente** um parque verde com vegetação de encostas, **mas também** um dos maiores lençóis freáticos do perímetro urbano. (I30M/D&G: 73 – Língua escrita)

Em (04) observamos uma construção correlata aditiva encabeçada pelo correlator *não somente... como também* indicando sentido de adição. Nesse excerto, assim como nos anteriores, a conjunção se desdobrou em duas expressões, apontado uma para a primeira sentença e outra para a segunda.

Portanto, o locutor manifesta o seu ponto de vista em relação ao envolvimento do telespectador com a trama. Temos o par correlativo *não somente... como também* unindo dois segmentos: *pelo seu caráter intimista e os recursos geográficos colocavam, a "deixa" no ar para uma outra linguagem*. Essas sentenças são ligadas por correlação, que se dá por meio de vários processos linguísticos:

comparação, *como*,
negação, *não*,
focalização, *somente*,
inclusão, *também*.

Em (05), demonstra mais uma construção aditiva, agora encabeçada pelo correlator *não somente... mas também*, apresentando a função de adição. O par correlativo *não somente...mas também* inter-relaciona dois sintagmas: *um parque verde com vegetação de encostas e um dos maiores lençóis freáticos do perímetro urbano*.

Nesse excerto, o locutor expressa uma preocupação com a preservação da vegetação verde que existe no meio das dunas (prótase), mas também como um dos maiores lençóis freáticos (apódose).

(6) ao redor da casa ... é encimentado ... mas o quintal todo não é encimentado ... algumas partes é ... como por exemplo ... **desde** o portão **até** a garagem é encimentado ... na garagem ... é grande dá pra dois carros ... tem [...] (E15M/D&G: 145 – Língua falada)

No excerto (6) observamos a correlação aditiva encabeçada por um correlator não protípico *desde... até*. Fala-se das partes da casa que são cimentadas e outras não. Logo, as partes que são cimentadas vão *desde* o portão, *até* a garagem. Observando esse par correlato, averiguamos que ocorre uma preocupação em marcar dois estágios: inicial (o portão) e final (a garagem), em uma relação de adição entre os dois termos que representam duas partes da casa cimentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação e análise dos dados obtidos da nossa análise permitiu-nos tecer algumas considerações sobre os usos das construções correlatas aditivas.

Percebemos que os pares correlatos apresentados no *corpus* de análise não são formas simples nem se resumem a encabeçar a segunda sentença; pelo contrário, trata-se de conjunções complexas, e, por consequência, ocasionam maior esforço cognitivo por parte do interlocutor para adesão desses enunciados.

Sendo assim, podemos dizer que o processo de redobramento sintático está na base da gramaticalização das conjunções correlatas aditivas. Segundo Castilho (2010) esse processo consiste na ocorrência de um segmento X a que corresponde obrigatoriamente um segmento Y. E informa que “os efeitos de redobramento sintático estão por toda parte na gramática do português, porém nem sempre nos damos conta que estamos diante de um mesmo fenômeno (2010, p.387).”

Verificamos também que algumas construções correlatas aditivas que apresentaram sobreposição de valores semânticos, ou seja, além da adição, apresentaram um valor de comparação, como em *não só... como e não só... mas também*.

É importante salientar que este estudo faz parte de uma pesquisa que está em andamento, a qual objetiva estudar o comportamento das construções correlatas no português brasileiro. Posto isso, ressaltamos que este artigo é apenas o pontapé inicial para esse trabalho, mas as descobertas aqui obtidas foram de grande importância para nortear este estudo.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. Ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- Lima, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 4. ed. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.
- MÓDOLO, Marcelo. As construções correlatas. In: CASTILHO, A. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Unicamp, 2008.

MÓDULO, Marcelo. *Correlacionando orações na língua portuguesa*. 2005. Disponível em: <https://issuu.com/museulp/docs/correlacionando_oracoes_na_lingua>. Acesso em: 14 de janeiro de 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Construções encaixadas: considerações básicas*. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, Florianópolis, fev, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. Ed., São Paulo: Editora UNESP, 2011.

NEY, João Luiz. *Guia de análise sintática*. Rio de Janeiro: s. ed., 1955.

RODRIGUES, Violeta. Virgínia. Correlação. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; RODRIGUES, Violeta Virginia. Correlação na perspectiva funcionalista. In: RODRIGUES, Violeta Virginia; *Articulação de orações: pesquisa e ensino/ organização: Violeta Virginia Rodrigues*. - Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2012.

OITICICA, J. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.